

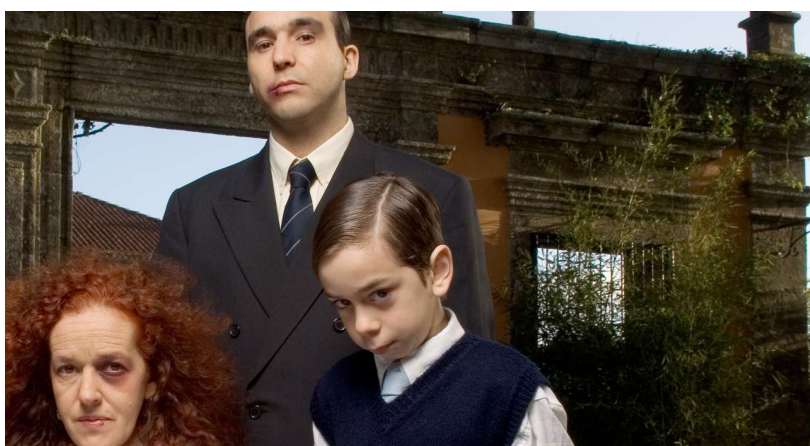
PROJECTO DIREITOS & DESAFIOS

PROGRIDE

[PROGRAMA PARA A INCLUSÃO E DESENVOLVIMENTO]

ACÇÃO 2

ESPAÇO TREVO



PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM CONTEXTO ESCOLAR



santa maria da feira câmara municipal



PELO PRAZER DE VIVER
SAÚDE CULTURA E VIDA
Associação Concelhia de Desenvolvimento Social



Projecto Direitos & Desafios



SEGURANÇA SOCIAL

Índice

Enquadramento do Projecto	03
A Prevenção em Contexto Escolar	03
O Teatro-Fórum como metodologia para a Prevenção da Violência Doméstica	05
Actividades e Avaliação em 2006	07
Actividades e Avaliação em 2007	18
Actividades Previstas para 2007/2008	27
Considerações Finais	29
Anexos	30

1. Enquadramento do Projecto

O Projecto “Direitos & Desafios”, resultou da candidatura ao PROGRIDE – Programa para a Inclusão e Desenvolvimento do Instituto da Segurança Social (2005-2009), é promovido pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira e executado pela Associação pelo Prazer de Viver. Este projecto conta também com a parceria de instituições locais e nacionais nos seus diversos domínios de intervenção¹. Uma das suas acções, o Espaço Trevo, surgiu tendo em conta, a análise à dinâmica concelhia, no que concerne ao fenómeno da Violência Doméstica. Esta acção tem os seguintes objectivos globais:

. Recolher dados sistemáticos sobre violência doméstica procedendo à análise e caracterização das situações em acompanhamento (nº previsto de destinatários 80 indivíduos/número alcançado 248 indivíduos, incluindo homens, mulheres e crianças);

. Desenhar um projecto de intervenção comunitária dirigida a aspectos preventivos da violência doméstica (nº previsto de destinatários 1/4 da população concelhia – 135.964/número alcançado² 2260 indivíduos em sessões de sensibilização comunitária; 575 alunos em prevenção em contexto escolar);

. Criar uma resposta específica de apoio a situações de vítimas de violência doméstica, promovendo a articulação interinstitucional (naº previsto de destinatários de 15 mulheres e 20 crianças/número alcançado 248 indivíduos, incluindo homens, mulheres e crianças)

Convém salientar que na candidatura deste projecto a acção que direcciona a intervenção para o âmbito da violência doméstica, contemplava exclusivamente os objectivos acima designados. Contudo, na implementação desta acção com o contacto mais directo e aprofundado com esta realidade, nomeadamente a elevada procura registada no gabinete de apoio à vítima, definimos também como um pilar prioritário a prevenção universal em contexto escolar para além da sensibilização à comunidade.

Deste modo, o Espaço Trevo tem vindo a desenvolver a sua acção essencialmente em duas vertentes:

1. Remediativa: através de apoio social, psicológico, jurídico e terapia de casal (exclusivamente em situações que reúnam as condições adequadas) junto de vítimas e agressores;

2. Preventiva (Universal e Primária):

2.1. Campanhas de sensibilização junto da comunidade;

2.2. Prevenção em contexto escolar através da metodologia do Teatro – Fórum;

2. Prevenção em contexto escolar

A história dos programas preventivos da violência nas relações amorosas é ainda bastante recente, começaram a surgir a partir de 1990. A maioria visava numa fase inicial, mostrar aos jovens a gravidade da violência e educá-los acerca dos comportamentos não violentos na intimidade, procuravam diminuir a probabilidade de os participantes se tornarem, no futuro, potenciais ofensores ou vítimas. Normalmente, os programas de prevenção da violência nas relações amorosas

¹ Ver anexo 1

² Situações registadas nos relatórios de execução no período de Janeiro 2006 a Junho 2007

³ Situações registadas nos relatórios de execução no período de Janeiro 2006 a Junho 2007

envolvem a definição de factores protectores (conhecimento sobre os efeitos prejudiciais da violência / capacidade de resolução de conflitos) e a redução dos factores de risco (atitudes que sustentam e legitimam a violência no namoro) (Matos, 2006,65/6). Contudo estes têm evoluído, para programas multifacetados, que têm por base a componente educacional (aumentar ou contribuir para conhecimento novo) promovendo a integração e desenvolvimento de atitudes diferenciais. O grande objectivo é que os adolescentes possam demonstrar comportamentos relacionais não violentos e sejam capazes de proporcionar ajuda aos pares envolvidos em relações violentas. Mais recentemente, as abordagens multifactoriais passaram a envolver a resolução de conflitos, o treino de competências sociais e de vida, a recriação de actividades depois da escola e campanhas de educação. (Matos, et all., 2006,66)

De acordo com a evolução da intervenção neste âmbito, também o III Plano Nacional contra a violência doméstica (2007-2010,8), actualmente em vigor, centra a sua atenção nos aspectos preventivos deste fenómeno, “ (...) aponta claramente para uma consolidação de uma política de prevenção e combate à violência doméstica, através:

- I) Da promoção de uma cultura para a cidadania e para a igualdade
- II) Do reforço de campanhas de informação e de formação
- III) Do apoio e acolhimento das vitimas numa lógica de reinserção e autonomia.”

A intervenção que tem vindo a ser desenvolvida pelo Espaço Trevo, desde 2006, no âmbito da prevenção da Violência Doméstica, subscreve as três prioridades do Plano definidas anteriormente, o que reforça a linha de intervenção que tem vindo a ser seguida.

O nosso programa preventivo é dirigido à população juvenil, mais concretamente aos alunos do 9ºano, tendo em conta que é “(...) na adolescência que se podem exacerbar as diferenças entre os papéis de género, que se pode consolidar a aceitação da violência como uma versão do amor ou como “aceitável” em certas circunstâncias e, ainda, como um período especialmente propício à adesão a alguns mitos desadaptativos sobre as relações “românticas” (indissolubilidade, associação do amor ao sofrimento), qualquer um desses factores pode aumentar o risco de envolvimento numa relação abusiva. (Black e Weiz cit in Matos et. All, 2006,64/5)

Deste modo, o programa por nós desenvolvido poderá ser definido como multimodal, ou seja é dirigido não apenas a uma dimensão mas ao individuo como ser total, trabalhando várias dimensões que interagem no processo de se tornar pessoa. (Moreira,2002,42). Outro modelo de base para a nossa intervenção é o Desenvolvimento Social de Catalano – Hawkins e col., que incorpora as teorias integradoras e compreensivas. De forma sucinta, este explica o comportamento anti-social através da especificação de relações preditivas do desenvolvimento, dando grande relevância aos factores de risco e de protecção. (Moreira, 2002) Deste modo, e encarando a violência no namoro, como um factor de risco essencial para o futuro envolvimento em situações de violência doméstica, consideramos fundamental ter em conta os factores de risco associados à violência no namoro tendo em conta a faixa etária da nossa população-alvo. Seguem-se os principais factores de risco que estiveram na base da construção do guião do Teatro-Fórum que temos vindo a adoptar:

- I) a violência na família de origem
- II) o isolamento imposto pelo parceiro agressor durante o namoro
- III) as assimetrias de poder entre homens e mulheres (Matos et. All, 2006,61/4)

Tendo por base o impacto dos factores de risco nos adolescentes, procuramos através das variadas acções promover factores protectores, concretamente através do desenvolvimento de competências sociais nos alunos (Lopes, et all., 2006), sendo certo, que é nosso objectivo contribuir com os mesmos para um desenvolvimento da sua condição cidadã (Figueiredo, 2001), promovendo a sua capacitação para a vida (Menezes, 1999). Corroboramos assim, o Plano Nacional Contra a Violência Doméstica (2007-2010, 12) quando refere que “a prevenção da violência doméstica exige a promoção de valores de igualdade e de cidadania que diminuam a tolerância social e a aceitação de uma cultura de violência. Eliminar estereótipos e mitos, alterar as representações de género e os valores que têm perpetuado a existência de relações desiguais no meio familiar, escolar e social, são os principais desafios que nos propomos alcançar.”

2.1. O teatro fórum como metodologia para a prevenção da Violência Doméstica

O projecto que temos vindo a implementar tem utilizado fundamentalmente a metodologia do Teatro-Fórum que surge como uma das principais técnicas disponíveis num método designado por Teatro do Oprimido fundado pelo teatrólogo Augusto Boal. Historicamente este movimento confunde-se com o próprio percurso pessoal do seu criador que se inicia no teatro nos anos 50 no contexto histórico-político da ditadura brasileira. Desta forma e inevitavelmente, tal como a designação indica, o Teatro do Oprimido tem como primeira função libertar o oprimido das opressões que limitam o seu potencial enquanto ser humano.

De uma forma sintética podemos definir Teatro do Oprimido como “um sistema de exercícios, jogos e técnicas especiais (...) que procura ajudar homens e mulheres a desenvolverem o que já trazem em si mesmos: o teatro”. E o seu objectivo essencial é o de “Humanizar a Humanidade” (Declaração de Princípios da Associação Internacional do Teatro do Oprimido (AITO). O Teatro-Fórum pode tomar diferentes formatos consoante o espaço, o tempo, as circunstâncias e essencialmente as pessoas que o constroem na riqueza de um manancial de especificidades. No caso concreto optamos por iniciar por um aquecimento/desmecanização, preparando, desbloqueando, criando disponibilidade do corpo para a acção. Segue-se a apresentação de uma pequena história, com diferentes conflitos, seguida da sua identificação. Numa etapa seguinte todos os participantes são responsabilizados por gritar “STOP” sempre que identificam algo na história com o qual não concordam, neste momento os participantes são convidados a trocar de papel com as personagens de forma a experienciar soluções alternativas para os problemas identificados. Das diferentes propostas para um mesmo problema surge o debate e a discussão, essencial na tomada de perspectiva do outro.

Esta técnica é utilizada em todo o mundo e permite trabalhar uma infinidade de temas, adequando o teatro às necessidades pessoais e sociais de cada indivíduo, privilegiando a criação de um espaço vivencial. No Teatro-Fórum o indivíduo

pode e deve ter voz activa e encontrar parceiros de diálogo, descobrindo vários pontos de vista sobre a mesma questão, adquirindo desta forma ferramentas que o valorizam enquanto indivíduo e estimulam a sua consciência social, neste caso concreto relativamente ao fenómeno da violência doméstica.

Tendo em conta as características desta metodologia pode-se questionar qual a sua função por excelência. Estaremos perante uma ferramenta de mudança com base na terapia, na política, ou na pedagogia? No caso concreto deste projecto a componente de maior destaque do Teatro do Oprimido presente é a pedagógica, não excluindo como é aliás impossível as suas outras vertentes. Falamos aqui numa Pedagogia criativa “como acto de acompanhar alguém na busca da sua expressão, dando-lhe plena liberdade de ser e oferecendo-lhe meios para se expressar o melhor possível” (Ryan, 1986 *cit in* LaFerrière, 1999).

Existem três aspectos fundamentais que determinaram a escolha desta metodologia para trabalhar no âmbito da prevenção:

. A noção de “espect-actor” que se refere à possibilidade de uma mesma pessoa alternar entre fases de espectador da acção e actor dessa mesma acção; “*os espec-atores, pondo em cena suas ideias, exercitam-se para a acção na vida real; e atores e plateia, igualmente atuando, tomam conhecimento das possíveis consequências de suas acções.*” (Boal, A. 2004). Desta forma afastamo-nos de uma estratégia meramente informativa assumindo estratégias com base na reflexão-acção e *role-taking*(Sprinthall *cit in* Menezes, 1999);

. A ênfase no “fazer” e não no “falar sobre”, colocando em segundo plano o discurso e valorizando a experimentação, o estar em situação, uma espécie de “ensaio da realidade”;

. A participação activa na alteração das situações, interferindo, no sentido de a reconstruir, na relação opressor-oprimido, permite condicionar factores de risco associados à violência doméstica;

Actividades e Avaliação em 2006⁴

A prevenção da violência doméstica junto dos jovens e adolescentes tem merecido abordagens diversas, sendo muitas delas experimentais e conduzidas enquanto experiências-piloto. Esta acção baseou-se numa metodologia conhecida e aplicada em projectos de intervenção social, embora invulgar em acções de prevenção de violência doméstica. Nomeadamente, a metodologia do Teatro Fórum, a variante técnica emblemática do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, cujo principal intuito é criar uma predisposição para a acção social activa e implicada.

A realização de um teatro fórum junto dos alunos das escolas de Argoncilhe e de Lobão, onde foi encenada uma peça alusiva à temática da violência doméstica, foi programada e organizada de modo a permitir a avaliação por parte dos beneficiários dessa acção de prevenção. Essa avaliação permitiu medir, através de inquérito, a satisfação relativamente à concretização desta metodologia activa de prevenção. Dela, de forma resumida, se dá conta abaixo. Adicionalmente, nessas duas escolas foi aplicado um outro inquérito destinado a mapear e a medir percepções sobre a violência doméstica. Este inquérito foi também aplicado numa terceira escola do 3º ciclo (Lourosa), que serviu como espécie de grupo de controlo ao grupo experimental, dado que os alunos da escola de Lourosa não beneficiaram da participação na metodologia do Teatro Fórum. Assim, de modo a promover uma avaliação mais rigorosa, e a equacionar a pertinência deste tipo de metodologia de prevenção e desta acção concreta, foi pensada a constituição de um grupo de controlo. Este grupo, em composição idêntica à do grupo beneficiário, foi submetido à aplicação dos mesmos instrumentos de aferição de percepções dominantes sobre a violência doméstica.

A escolha de um grupo limitado de adolescentes para desenvolver acções de prevenção de violência doméstica, por confronto com uma outra opção possível, dirigida à comunidade local em geral, longe de se constituir como uma fraqueza das intervenções do Espaço Trevo, afirma-se como uma opção positiva. O seu carácter experimental e didáctico, num contexto em que já existem acções de prevenção dirigidas à comunidade em geral, encerra um potencial transformador das percepções dominantes sobre violência doméstica junto de um grupo que pode gerar novas atitudes em relação ao fenómeno e gerar efeitos de contágio significativos.

Na verdade, as experiências recentes de prevenção de violência doméstica têm revelado uma preocupação que está cada vez mais direccionada para os efeitos de formatação das atitudes dos jovens que testemunham e vivem experiências de violência nas suas relações pessoais e íntimas. Além disso, a adolescência e a juventude constituem-se como oportunidades ímpares e apelativas para o desenvolvimento de acções de prevenção a montante do fenómeno. Isso porque, entre outras razões mais específicas, é nessa fase da vida que se forma a identidade individual, que se consolidam determinados valores e que se tem maior grau de abertura a várias esferas de influência, algumas das quais podem marcar negativamente os indivíduos.

Acresce que os padrões dominantes da violência doméstica têm vindo a mostrar que a violência doméstica é um fenómeno mais comum que aquilo que se imagina, que se caracteriza por uma certa transversalidade social em termos de

⁴ Parte integrante do Relatório de Avaliação Externa do Projecto Direitos & Desafios referente ao ano de execução de 2006.

grupos sociais com diferente estatuto, que as mulheres mais jovens (dos 18 aos 25 anos) estão mais expostas que as mulheres mais velhas e que a saída da juventude para a idade adulta é um momento em que os indivíduos ficam particularmente expostos a fenómenos que configuram acções de violência doméstica. Além disso, as acções de prevenção de violência doméstica junto dos jovens afiguram-se extremamente pertinentes, dado que actos de efectiva violência doméstica (como, por exemplo, abusos sexuais ou outros), não são, muitas vezes, encarados enquanto tal, sendo normalizados e trivializados como conflitos comuns.

Mais do que uma prevenção primária dirigida à comunidade em geral no sentido de facilitar a educação cívica, prevenção essa que é necessária mas que está já relativamente generalizada, afigura-se pertinente desenvolver uma prevenção secundária, dirigida a grupos de risco, como os jovens que já tiveram contacto com episódios de violência doméstica. Esta forma de prevenção secundária é, além do mais, fundamental para tipificar situações e identificar casos que permitam desenvolver com maior eficiência e eficácia acções de prevenção terciárias (que envolvem directamente aqueles que, quer enquanto vítimas, quer enquanto executantes, estiveram ou estão envolvidos em acções de violência doméstica). Deste ponto de vista, a metodologia desenvolvida nas escolas de Argoncilhe e de Lobão, através da realização do teatro Fórum, visou, ao mesmo tempo, difundir conhecimentos sobre a questão da violência doméstica (familiarização com o tema), propagar competências no domínio da comunicação assertiva e da resolução de problemas ou conflitos, assim como disseminar valores através da reflexão crítica grupal que esta metodologia tão bem explora.

É certo que neste tipo de prevenção, como em todos os outros, a avaliação da capacidade em concretizar a criação de uma mudança positiva é sempre incerta. Contudo, o desafio e o envolvimento inerentes à metodologia são factores de prevenção que têm mais que um interesse experimental. Isto porque, é sabido, as escolas se constituem como um dos palcos mais importantes e significativos de prevenção da violência, dado o importante papel que desempenham na socialização e no desenvolvimento ético dos jovens e adolescentes. O próprio envolvimento dos professores nesta acção de prevenção é susceptível de gerar o efeito positivo da introdução do tema da violência doméstica nos planos curriculares e nas dinâmicas de aprendizagem.

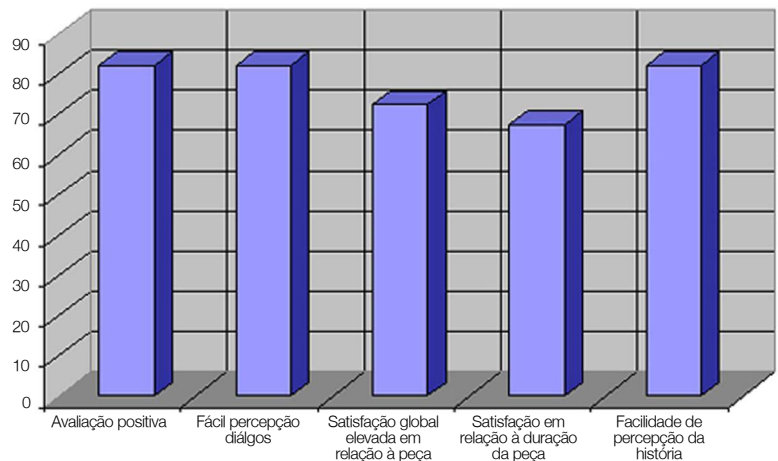
Ainda assim, em caso algum se pode concluir que a aplicação de inquéritos para avaliar e medir percepções seja suficiente. Só uma avaliação mais detalhada e rigorosa, conduzida a longo prazo, pode permitir recolher dados mais seguros sobre os efeitos das acções de prevenção. Quando se desenvolvem acções de prevenção de violência doméstica junto de jovens e adolescentes, as experiências têm mostrado que as acções de prevenção são tanto mais eficazes quanto são incorporadas em acções educativas mais vastas; quanto mais conjugarem acções de prevenção primária com acções de prevenção secundária e terciária; quanto mais envolverem os pais e os ascendentes; e quanto mais são capazes de ser asseguradas com uma certa regularidade. Dito isto, o essencial é tentar perceber que tipo de acções de prevenção funciona melhor numa determinada situação. O carácter performativo e activo do Teatro Fórum (numa fase da vida como a juventude e num momento civilizacional dominado pela interactividade,

em que a manutenção dos beneficiários de uma qualquer acção num estatuto de passividade pode comprometer os efeitos desejados), conferem a essa metodologia não só o benefício da dúvida, mas também a certeza de poder funcionar como estratégia activa de sensibilização para um problema que, afinal, é tão comum e tão próximo.

Em traços muito gerais, e ainda que a satisfação em relação à peça não possa ser liminarmente convertida em efeito afirmativo de uma acção de prevenção, a avaliação efectuada pelos alunos do 3º ciclo das escolas de Argoncilhe e de Lobão é muito positiva, justificando, desde logo, o valor desta metodologia enquanto ferramenta de mobilização para promover a introdução do tema da violência doméstica nas estratégias de aprendizagem e nos mecanismos de socialização promovidos pela escola.

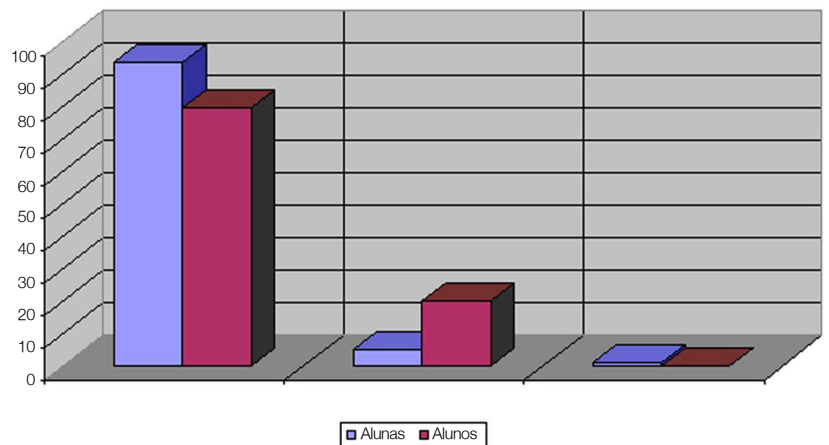
A avaliação é globalmente positiva no que respeita ao trabalho dos actores, à percepção dos diálogos, à satisfação global em relação à peça e à facilidade de percepção da história. A avaliação mais negativa, neste aspecto, refere-se ao facto de cerca de 14% dos alunos inquiridos acharem que a peça foi muito curta (Gráfico 1).

Gráfico 1
Avaliação do Teatro Fórum pelos alunos
(%)



Globalmente (Gráfico 2), sendo este um factor relevante em termos de análise do tema e da susceptibilidade em relação ao mesmo (não fosse a violência doméstica explicada por diferentes percepções e comportamentos de natureza sexual. Por exemplo, na forma como, sobretudo os homens, encaram a questão de quem deve ter o domínio em termos de relações sexuais), a satisfação das alunas é mais elevada que a dos alunos (93,6% das alunas contra 79,6% dos alunos gostaram muito da peça. Só 5,1% das alunas contra 20,4% dos alunos têm uma avaliação neutra da peça).

Gráfico 2
Grau de satisfação dos alunos em relação ao Teatro Fórum
 (% por sexo)



Aliás, as alunas, mais que os alunos, tendem a reconhecer maior interesse ao tema da violência doméstica (Gráfico 3). Se em média cerca de 70% dos alunos consideram o tema interessante (Gráfico 4), é relevante que quase 80% das alunas tenham essa opinião contra 50% dos alunos.

Gráfico 3
Grau de importância atribuído ao tema da violência doméstica
 (% por sexo)

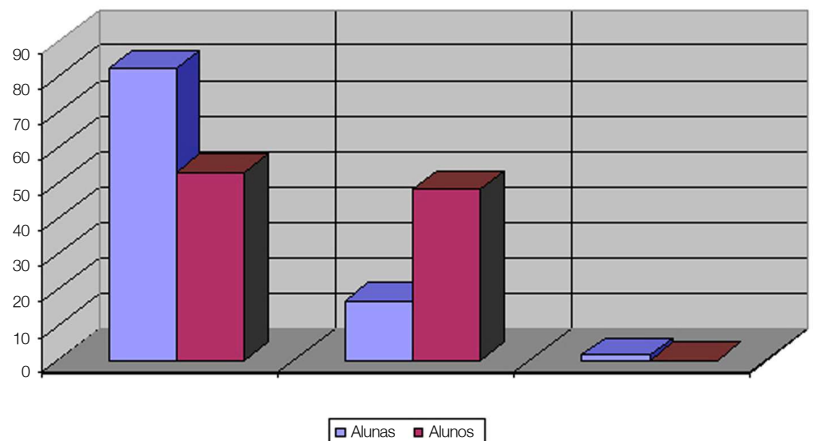
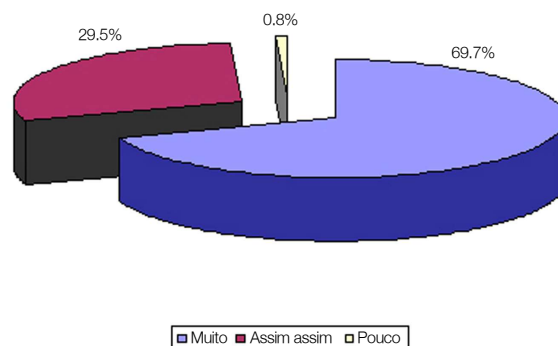


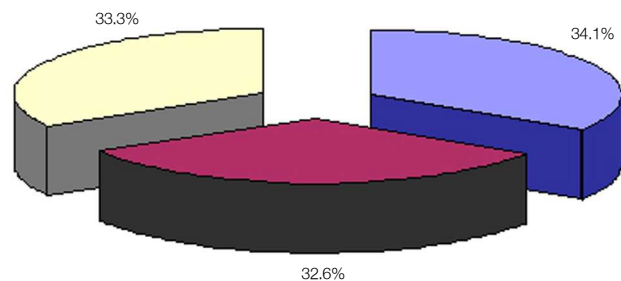
Gráfico 4
Grau de importância atribuído ao tema da violência doméstica
 (%)



Os alunos de Lobão, mais que os de Argoncilhe, avaliam positivamente a peça (91,3 dos alunos de Lobão, contra 84,1% dos de Argoncilhe gostaram muito da peça).

Mas as opiniões sobre os efeitos da peça repartem-se entre aqueles que dizem ter apreendido muito sobre o tema, os que dizem ter apreendido alguma coisa e aqueles que dizem que a peça apenas lhes permitiu confirmar o que já sabiam (Gráfico 5).

Gráfico 5
Efeitos da peça na familiaridade com o tema
 (%)



■ aprender muito sobre violência doméstica	■ aprender alguma coisa sobre violência doméstica
■ confirmar o que já sabia sobre violência doméstica	

Não deixa de ser revelador (Gráfico 6) da convivência desta população com o fenómeno da violência doméstica que, embora abaixo dos 10%, 9,1% dos alunos inquiridos afirmem que se pudessem recomendariam a peça aos vizinhos, 7,6% aos pais e 6,1% aos pais, amigos e vizinhos. Todavia, o facto de uma larguíssima maioria (72,7%) a recomendar aos vizinhos mostra bem quanto as percepções dominantes vincam o sentimento socialmente generalizado que a violência doméstica apenas afecta os outros.

Como metodologia aplicada à prevenção e divulgação da violência doméstica, o teatro fórum revela indícios de ser apelativa para este segmento da população estudantil. Quase metade dos inquiridos (47,7%) acharam que a participação activa no desfecho da história foi muito interessante (Gráfico 7) e 86% gostaram da forma como o tema foi apresentado. Não menos revelador, face ao desfecho da peça e ao confronto com cenas comuns de violência doméstica, é o facto de 55% das alunas e apenas 37% dos homens considerar a participação activa na peça muito interessante (com 36% das alunas e 54% dos alunos a considerarem que a participação foi apenas “um pouco interessante”).

Gráfico 6
A quem recomendaria a peça teatral
(%)

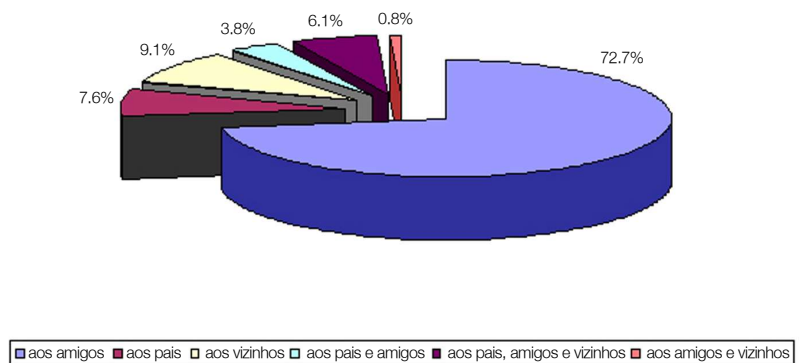
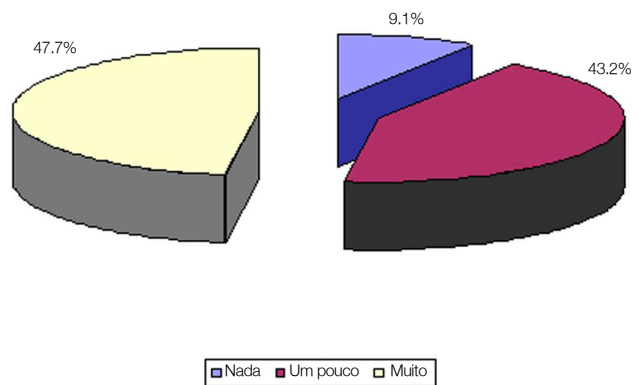


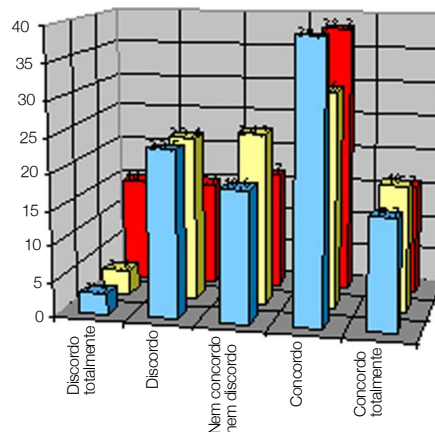
Gráfico 7
Satisfação em relação à participação activa no desfecho da história
(%)



Percepções dominantes sobre a violência doméstica

Os dados do inquérito aplicado aos alunos para aferir percepções dominantes sobre a violência doméstica revelam algumas informações interessantes. Desde logo, é de notar que à partida as representações dominantes relativas a contextos de violência doméstica se tendem a ajustar a concepções que favorecem a não eclosão de episódios de violência doméstica. Ainda assim, mesmo considerando haver diferenças muito nítidas em termos de percepção entre os alunos das escolas que responderam ao questionário depois de terem assistido à peça (Argoncilhe e Lobão) e aqueles que responderam sem terem assistido à peça (Lourosa), diferenças que não eram tão nítidas entre ambos na situação de partida (antes de todos responderem sem terem assistido à peça), deve salientarse o atrás exposto, no sentido em que a prevenção da violência doméstica não pode ser resumida a acções que não mantenham uma certa regularidade. Por outro lado, é verdade que o facto de haver diferenças muito marcantes em termos de respostas também não significa que a peça tenha tido ou possa ter efeitos milagrosos em termos da mudança de representações sociais sobre violência doméstica. Nesta matéria, as conclusões só podem ser retiradas a prazo e as certezas nunca estão garantidas.

Gráfico 8
O problema dos maus-tratos dentro do casamento afecta uma pequena % da população (Argoncilhe, Lobão e Lourosa antes da assistência à peça)



Como se pode ver no Gráfico 8, embora mais em Argoncilhe e menos em Lobão, cerca de metade dos alunos inquiridos antes de terem assistido à peça concordam ou concordam totalmente com a crença generalizada que o problema dos maus-tratos dentro do casamento afecta uma pequena percentagem da população. Recortada pela variável sexo, esta crença mostra estar ligeiramente mais generalizada em Argoncilhe e Lobão entre os homens (52,4% concordam ou concordam totalmente, contra 50,9% das mulheres) e mais difundida entre as mulheres em Lourosa (64,4% das mulheres, contra 45,6% dos homens repartem essa crença).

O efeito “assistência à peça” sobre este tipo de representação revela que (Gráfico 11) em Argoncilhe os que concordam ou concordam totalmente que o problema dos maus-tratos afecta uma pequena percentagem da população passaram de 54,9% (antes da peça) para 45,2% depois da peça e em Lobão passaram de 48,6% para 35,6%. Este efeito é sobretudo visível sobre a população feminina, já que se antes de assistirem à peça 50,9% repartiam essa crença, concordando ou concordando totalmente, depois de assistirem à peça a percentagem desce para 38,8%. Nos homens desce de 52,4% para 43,3%.

Gráfico 9
O problema dos maus-tratos dentro do casamento afecta uma pequena % da população (Argoncilhe e Lobão antes da assistência à peça, por sexo)

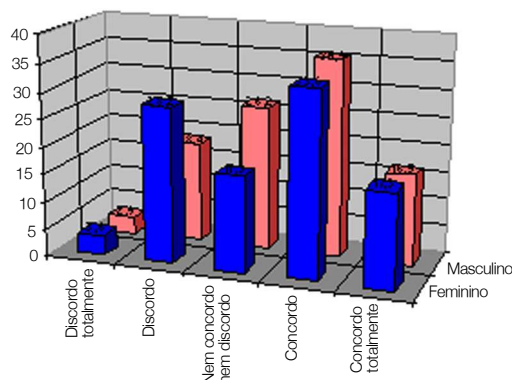


Gráfico 10
O problema dos maus-tratos dentro do casamento afecta uma pequena % da população (Lourosa antes da assistência à peça, por sexo)

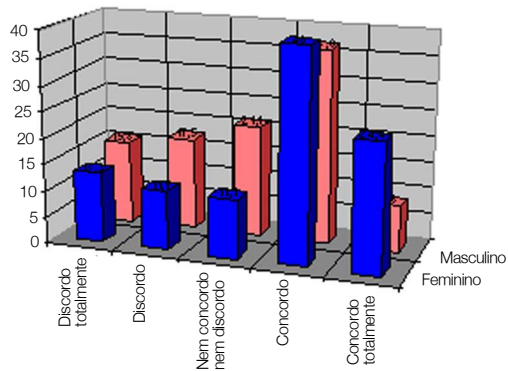
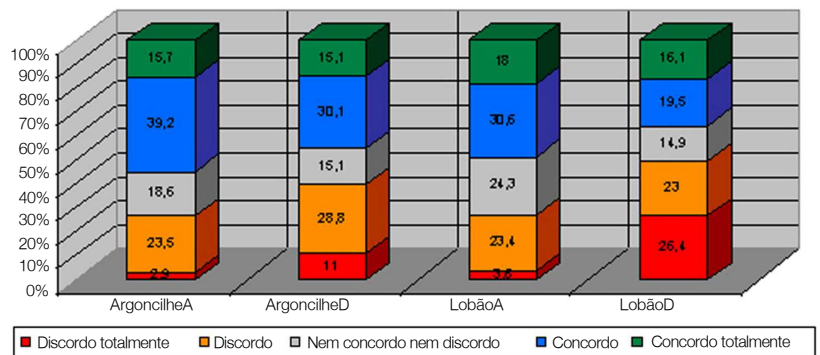
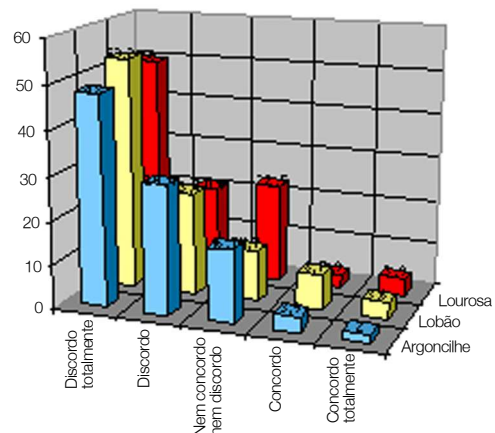


Gráfico 11
O problema dos maus-tratos dentro do casamento afecta uma pequena % da população (Argoncilhe e Lobão antes e depois da assistência à peça)



O confronto com a pergunta “Dá-te prazer intimidar os teus colegas?”, mostra que havendo uma discordância (somatório dos que discordam e discordam totalmente) média acima dos 70% nas três escolas (Gráfico 12), essa discordância é maior entre as mulheres (85,4% delas discordam) do que entre os homens (67,9% discordam). Os Gráficos 13 e 14 permitem evidenciar a tipificação da predisposição genérica para a intimidação como sendo, nestas idades, tendencialmente masculina. De salientar que só 3,6% das mulheres concordam ou concordam totalmente com a pergunta, contra 14,6% dos homens.

Gráfico 12
Dá-te prazer intimidares os teus colegas? (Argoncilhe, Lobão e Lourosa antes da assistência à peça)



O efeito “assistência à peça” sobre este tipo de predisposição (Gráfico 15) é limitado. Aqueles que discordavam da pergunta eram 77,4% e passaram a ser, depois da peça, 80,6% em Argoncilhe. Em Lobão o efeito foi ainda menor, tendo passado de 76,6% de discordantes para 77,9%. Contudo, este efeito limitado não deve deixar de considerar que os níveis de discordância à partida são já elevados e que, por isso, a sua margem de mudança é teoricamente limitada. Ainda assim, é de notar que entre os homens a discordância com a pergunta é, antes da assistência à peça, de 67,9% e a discordância posterior à assistência à peça é de 71,8%.

Gráfico 13

Dá-te prazer intimidares os teus colegas?
(Argoncilhe e Lobão antes da assistência à peça, por sexo)

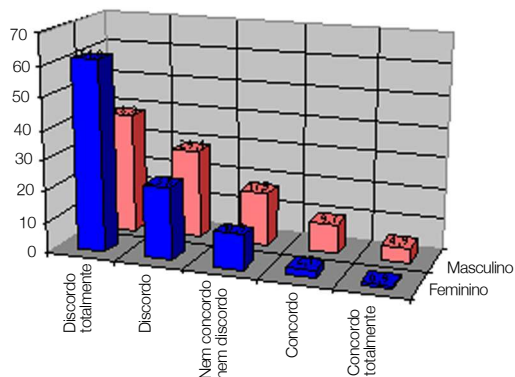


Gráfico 14

Dá-te prazer intimidares os teus colegas?
(Lourosa antes da assistência à peça, por sexo)

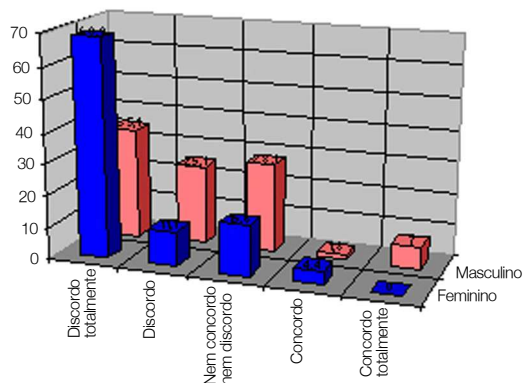
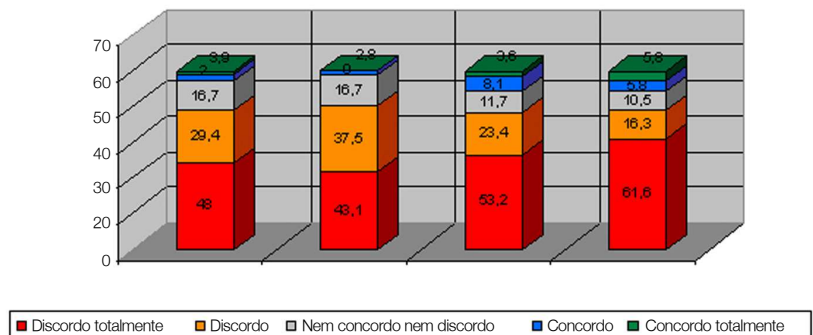


Gráfico 15

Dá-te prazer intimidares os teus colegas?
(Argoncilhe e Lobão antes e depois da assistência à peça)



O grau de discordância (discordo e discordo totalmente) com a ideia que “os maus-tratos ocorrem apenas em famílias de baixo nível educacional e económico é, à partida, elevado nas três escolas (gráfico 16), oscilando 83,3% em Argoncilhe e 87,3% em Lourosa. Todavia, as diferenças representacionais entre alunas e alunas são claramente diferentes (Gráficos 17 e 18). É significativo que haja 91,9% das alunas a discordar contra 77,6% dos homens.

Gráfico 16
Os maus-tratos ocorrem apenas em famílias de baixo nível educacional e económico (Argoncilhe, Lobão e Lourosa antes da assistência à peça)

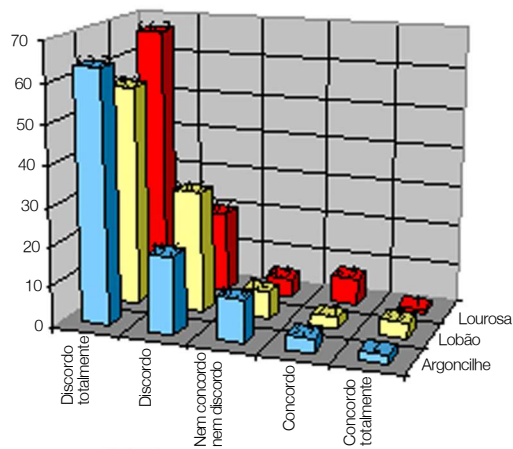


Gráfico 17
Os maus-tratos ocorrem apenas em famílias de baixo nível educacional e económico (Argoncilhe e Lobão antes da assistência à peça, por sexo)

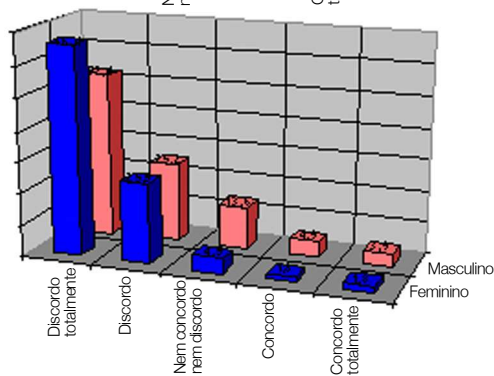


Gráfico 18
Os maus-tratos ocorrem apenas em famílias de baixo nível educacional e económico (Lourosa antes da assistência à peça, por sexo)

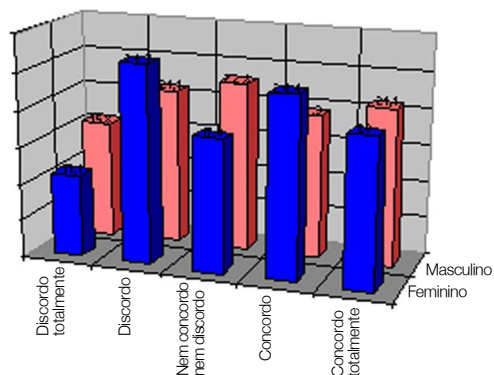


Gráfico 19
Os maus-tratos ocorrem apenas em famílias de baixo nível educacional e económico (Argoncilhe e Lobão antes e depois da assistência à peça)

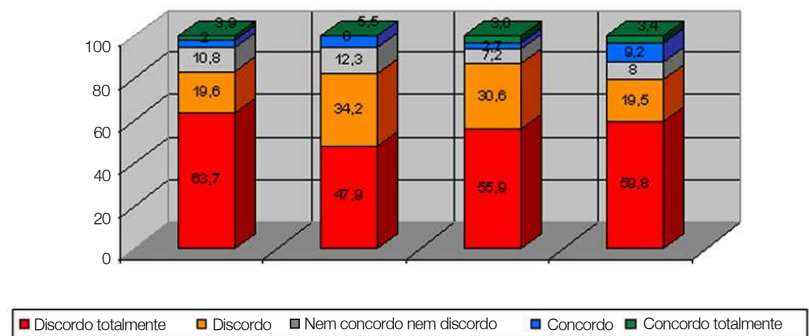
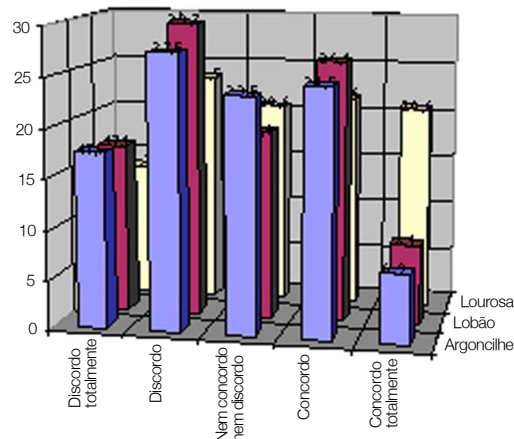


Gráfico 20
Os maus-tratos só ocorrem quando há outros problemas no seio da família (ex: desemprego, droga, dinheiro) (Argoncilhe, Lobão e Lourosa antes da assistência à peça)



A ideia que “os maus-tratos só ocorrem quando há outros problemas no seio da família (desemprego, droga, dinheiro, etc.), contrariamente a outros domínios de aferição das representações sobre violência doméstica, recolhe à partida respostas mais díspares e segmentadas. Como se pode ver no Gráfico 20, 31,4% dos respondentes em Argoncilhe, 34,2% em Lobão e 42,2% em Lourosa concordam com a ideia. Mas o número dos que discordam também é significativo (respectivamente, 45,1%, 46,8% e 37,2%).

Como seria expectável, os alunos são à partida quem mais concorda com a ideia (37,9% dos alunos contra 28,2% das alunas). Mas o efeito “assistência à peça” sobre este tipo de representação (Gráfico 22) é notório no grupo dos homens. A percentagem de concordância relativa aos alunos baixa para 30,7% e a das alunas mantém-se. Porém os alunos que deixaram de concordar com a ideia não passaram a discordar liminarmente, tendo engrossado a o grupo dos que nem concordam nem discordam (que passou de 22,3% para 30,8%).

Gráfico 21
Os maus-tratos só ocorrem quando há outros problemas no seio da família (ex: desemprego, droga, dinheiro) (Argoncilhe e Lobão antes da assistência à peça, por sexo)

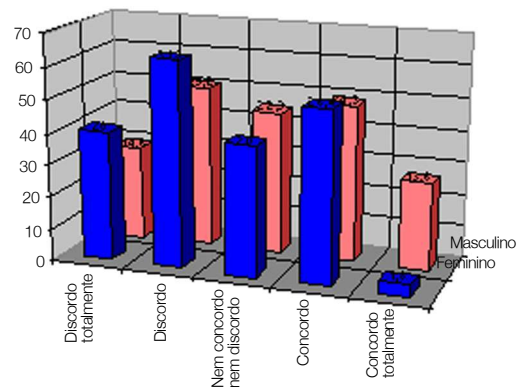
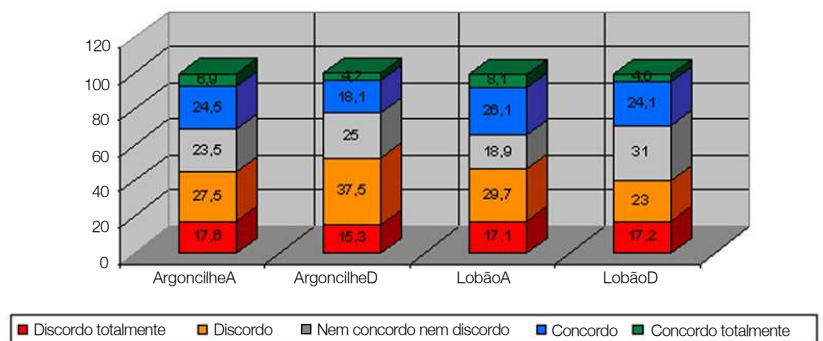


Gráfico 22
Os maus-tratos só ocorrem quando há outros problemas no seio da família (ex: desemprego, droga, dinheiro) (Argoncilhe e Lobão antes e depois da assistência à peça)



Antes de assistirem à peça, 45,1% dos respondentes com pais casados e 38,7% daqueles cujos pais são divorciados discordavam da ideia que “os maus-tratos só ocorrem quando há outros problemas no seio da família”. Depois da peça, a percentagem de discordantes com pais casados manteve-se (45,6%), mas a percentagem de respondentes discordantes cujos pais são divorciados aumentou para 54,6%. Já a percentagem de respondentes discordantes com ideia cuja mãe se encontra na situação de desempregada passou de 31,8% para 43,8%. Quando é o país que se encontra na situação de desemprego, a percentagem de discordantes entre o antes e o depois da peça aumenta igualmente (de 38,5% para 44,4%). Ou seja, entre os alunos que vivem em agregados familiares com situações potencialmente geradoras de problemas, a peça parece ter claramente o efeito de lhes fazer ver que as situações de maus-tratos não ocorrem somente em famílias com problemas.

Actividades e Avaliação 2007

[Janeiro – Julho]

Na sequência do trabalho desenvolvido no ano de 2006, onde iniciamos a intervenção tendo em vista a prevenção de comportamentos que podem estar na origem da violência doméstica, procedemos em 2007, à sua continuidade optando por reforçar a componente qualitativa na avaliação, nomeadamente através de grupos de discussão. Esta opção metodológica em permitiu-nos complementar a avaliação com maior enfoque quantitativo realizada em 2006. Desta forma, pretendemos também, em termos de avaliação da prevenção dar resposta à subjectividade e complexidade deste fenómeno.

Deste modo, não aplicamos a E.C.V.C - 2, nem o inquérito de comportamento anti-social aos professores. Optamos por iniciar com a participação no Teatro-Fórum permitindo analisar o efeito surpresa que este tem nos alunos, nomeadamente, a espontaneidade dos seus comportamentos e opiniões na interacção durante a peça. O Teatro-Fórum foi desenvolvido nas escolas de Lourosa, Cavaco e Fernando Pessoa, mantendo os inquéritos de avaliação de satisfação com a peça, no final da mesma, bem como, numa sessão posterior no final do ano lectivo desenvolvemos grupos de discussão. Na escola E/B 2 e 3 de Lourosa realizamos 2⁵ grupos de discussão, na escola do Cavaco 4 e na E /B 2 e 3 Fernando Pessoa foram analisados 4 grupos de discussão. De referir que todos estes grupos de discussão foram filmados para se proceder a uma avaliação rigorosa num momento posterior à sua realização. Através destes pretendemos perceber de que forma a participação no Teatro-Fórum poderia ter contribuído para desmistificar alguns dos mitos subjacentes à problemática da violência doméstica.

Os grupos de discussão, foram analisados através de uma grelha de observação, com as seguintes dimensões:

- I) A igualdade de direitos;
- II) Causalidade da agressão;
- III) A meritocracia feminina face à agressão;
- IV) A submissão feminina em relação à primeira relação sexual;
- V) Os limites e fronteiras no namoro (a relação com os amigos, as opiniões face à roupa)

Em relação à análise da participação no Teatro-Fórum, “O que é que se passa?”, tentamos perceber quais foram para os alunos:

- VI) Os momentos mais marcantes
- VII) Que soluções alternativas apontariam para o fim da peça
- VIII) Que recordações têm
- IX) Quais as mais-valias do Teatro-Fórum
- X) Casualidade da Violência Doméstica

⁵ Sendo de referir que, dado o período de final de aulas não nos foi possível reunir todos os alunos das turmas, sendo por este motivo que realizamos apenas dois grupos de discussão

Seguem-se os resultados principais destes grupos de discussão:**I) Igualdade de direitos:**

. Verificamos como consensual entre os alunos, que homens e mulheres têm os mesmos direitos, no entanto, esta aceitação encontra-se ainda num domínio discursivo, sendo que durante todos os grupos de discussão foi possível verificar que em determinados momentos essa diferenciação aconteceu⁶. Complementando foi referida por parte dos alunos em dois dos grupos de discussão uma possível explicação: o facto de os pais fazerem essa diferenciação entre raparigas e rapazes origina que raparigas se sintam mais incapazes e frágeis do que os rapazes, dando continuidade a que esta ideia de desigualdade se propague.

II) Causalidade da agressão:

. Todos os grupos referiram acreditar que o stress origina a agressão mas que por si só não a justificaria;
. Acreditam que existem pessoas que nascem assim, que são agressivos por natureza (3)
. Justificam também que uma primeira vez as pessoas se podem descontrolar confrontadas com factores externos e que numa situação deste género se deveria desculpar, contudo uma segunda agressão não, porque "alguns namorados descarregam nas namoradas, todos os problemas que têm" (3)⁷
. Em todos os grupos de discussão foi consensual que a agressão física não deve ser perpetrada, assumindo-a como muito grave. No que se refere ao exercício de outros tipos de agressão (psicológica, social e verbal), estes não são descurados, no entanto referem-se a estas como menos graves em comparação com a física.

a) Agressão poder ser originada por um episódio de infidelidade:

. A agressão física foi mencionada como opção apenas duas vezes;
. Origina violência psicológica, tal como insultos e indiferença.
. Por fim, os alunos explicam que a existência de ciúmes poderia originar falta de controlo, o qual, por sua vez poderia originar um possível episódio de stress, que poderia ser manifestado através de agressão física ou verbal.

b) A agressão poder ser originada por insultos:

. Foi também consensual que o insulto não deve gerar agressão física, contudo, poderá gerar agressão verbal, demonstram deste modo, que o mau-trato verbal é uma opção praticada

III) Meritocracia feminina face à agressão:

. Ao nível do discurso dos alunos é comum a existência de um protótipo de "boa (bom) namorada(o)". Concordam que a(o) "boa (bom) namorada(o)" não necessita de o ser para os outros (dimensão social) mas sim para cada um, variando este conceito de pessoa para pessoa. Esta análise remeteu-nos para que pelo facto de serem "bons(boas) ou más (maus) namorados (as)" originaria que estas(es) mereceriam comportamentos diferentes do que aquelas(es) que se comportam de forma coincidente com o protótipo feminino/masculino. Observa-se deste modo, que o descontentamento poderá surgir no momento em que o protótipo começa a desvanecer-se e a outra pessoa não consegue assumir a falta de controlo sobre essa mudança.

⁶ A título de exemplo, quando se falava da aceitação da roupa falava-se só da aceitação do rapaz em relação à rapariga mas não o contrário

⁷ Número de grupos de discussão

IV) Submissão feminina em relação à primeira relação sexual:

. Todos os grupos de discussão referem que existe um “momento certo” para terem a primeira relação sexual, sendo de realçar que apesar de um dos membros do casal poder estar preparado não deva forçar o outro⁸.

V) Limites e fronteiras no namoro:

. A maioria considera que os namorados (as) devem saber o que se passa na vida um do outro, uma minoria diferencia esta situação do controlo excessivo por parte de um dos membros não respeitando o espaço do outro,
. Um dos grupos de discussão frisou a diferença de comportamento no namoro do comportamento no casamento, assumindo na generalidade que passam “a pertencer um ao outro no momento do casamento” o que conferiria a cada um algum poder para dirigir a vida do outro.

a) Relação com os amigos:

. Todos os grupos consideram que o tempo é mais dedicado ao namorado(a) não deixando de considerar a importância dos amigos, caso contrário, “depois podem vir a necessitar e não os terem”.
. Deverá existir uma gestão do tempo entre estas duas áreas da vida.

b) Relação com a roupa:

. A maioria referiu poder vestir o que quisessem e o namorado não poder dizer nada a respeito deste aspecto (3)
. Ao aprofundar esta discussão a maioria disse só poder vestir decotes e mini-saias quando saem com os namorados, no sentido de “os agradar a eles e não a outros” (7)
. As raparigas quando questionadas referiam que o namorado pode dar opinião mas não impor.

No que diz respeito à avaliação sobre a participação neste Teatro-Fórum, analisamos as seguintes dimensões:**VI) Momentos mais marcantes da peça:**

. A generalidade das opiniões prenderam-se com a agressividade do Jorge, a forma como o Jorge falava com a Sofia, como era controlador, ciumento, o facto de “quase” bater, o afastamento das amigas por parte da Sofia (3), o coagir para mudar a mini-saia (3), o nervosismo excessivo do Jorge, o facto de querer ver as mensagens do telemóvel da Sofia, o interesse pelo futebol (2), a impaciência ao esperar por ela, o facto de só querer falar nos assuntos dele (1), o início do namoro ter sido rápido (1), e o “chuto” na mochila (3).

VII) Soluções alternativas propostas para o fim da peça:

. Quanto à Sofia devia terminar o namoro com o Jorge (8), devia impor-se mais (10).

⁸ O factor idade foi também referido como importante para a decisão, tendo sido referido que antes dos dezassete anos é muito cedo

- . Quanto ao Jorge, pensam que deveria mostrar o seu lado romântico e civilizado não ser agressivo (8), ser mais amigo da Sofia (5), acreditam também que se ele gostasse dela aceitava-a como ela é (2).
- . Quanto a sugestões para os dois os alunos participantes consideram que o Jorge e a Sofia deveriam falar sobre o assunto (8), compreenderem-se, tentar dialogar e, por fim, acham que a Sofia não devia mudar de roupa só porque o Jorge queria (7).

VIII) Recordações do Teatro-Fórum:

- . Referem recordar-se do Teatro-Fórum, quando assistem a situações semelhantes na escola, entre os seus vizinhos, família e amigos⁹.

IX) Mais-valias do Teatro-Fórum:

- . Adquirir mais informação (10)
- . Esclarecer de dúvidas (10)
- . Perceber a existência de diferentes momentos num namoro ou relacionamento amoroso, momentos positivos e negativos (1)
- . Consciencialização (1)
- . Uma forma de ajudar outros e os próprios (7),
- . Possibilidade de alteração da história (4)
- . O Jorge não chegar a bater à Sofia (10)
- . A violência poder gerar situações graves (7)

X) Casualidade da violência:

- . A violência acontece com frequência (10)
- . Antigamente havia mais violência porque as pessoas estavam menos informadas, o que contrasta com a actualidade porque existe mais informação (5)
- . A sociedade evoluiu para uns, mas para outros não (5)
- . As pessoas só não fazem queixa porque têm medo, as que denunciam fazem-no porque têm mais informação, e quando não denunciam é devido ao medo das retaliações (8)
- . Complementaram também com o facto de as mulheres denunciarem porque não estão isoladas, existem "sítios" que as podem ajudar (7)
- . Assunto habitual (10)
- . Existência de homens que dizem que estão arrependidos mas que na verdade voltam a fazer o mesmo (2)
- . O carácter privado do lar origina que não saibamos de tudo o que se passa nas outras casas, o que permite que se tenha a percepção global de todos os casos (6)
- . Associação da agressividade ao consumo do álcool (8).

⁹ É de ressaltar que após cada Teatro-Fórum são distribuídos flyers informativos sobre Violência Doméstica e contacto do serviço local neste âmbito, bem como são reforçadas algumas noções sobre como agir em caso de conhecimento de uma situação desta natureza.

Em relação à análise dos inquéritos de satisfação aplicados aos alunos no momento subsequente à participação no Teatro-Fórum, analisamos os seguintes aspectos:

Tabela 1
“O que mais gostei na peça foi...”
 (%)

Aspectos positivos	%
De tudo	28,3
Dos actores e da participação dos alunos	5,5
Da interacção existente na peça	28,3
Dos actores	11,0
Da atitude violenta do Jorge	0,7
Do início da peça, quando começa o namoro	7,6
Do tema que a peça aborda	8,3
De ver os meus colegas a representarem	3,4
Da parte do beijo	0,7
Da parte do relato do jogo de futebol	4,8
De mostrar que as coisas não se resolvem com discussões	1,4
TOTAL	100

Tal como apontado na tabela n.º1, maioritariamente os alunos referiram que gostaram de tudo na peça (28,3%), bem como, da interacção existente na peça (28,3%). Esta análise reforça-nos na continuidade da metodologia de Teatro-Fórum, corroborando todas as correntes que a referem como potenciadora de interactividade e de participação cidadã. Em relação, ao que menos gostaram referiram que foi da atitude violenta do Jorge, bem como da parte do beijo (0,7%) respectivamente. Estes também nos reforçam no sentido da sua manutenção considerando-os como factores potenciadores de impacto e de consequente mudança, pois verifica-se que através desta metodologia os alunos puderam estar deparados com uma “situação de violência” tendo-a referenciado como negativa.

Tabela 2
“O que menos gostei na peça foi...”
 (%)

Aspectos negativos	%
Nada, gostei de tudo	51,0
Da última cena da peça	19,3
Do facto da peça ser filmada	0,7
Da agressividade do Jorge	13,1
Da violência	7,6
Do machismo do Jorge	1,4
Do tempo que a peça demorou	4,1
Da cena do beijo	1,4
Da pouca iniciativa dos alunos	0,7
Da falta de um cenário	0,7
Total	100

Em relação ao que menos gostaram na peça, a maioria referiu que, nada, gostaram de tudo (51,0%), de seguida referiram que gostaram menos da última cena da peça¹⁰ (19,3%), de seguida referiram a agressividade do Jorge (13,1%) estes dados quantitativos complementam a análise dos grupos de discussão quando referimos que a agressão física se encontra num momento de “substituição” por outros tipos de agressão, assiste-se a um aprofundamento e valorização de outras formas de violência (psicológica, social, verbal).

Em relação ao que menos gostaram, as opiniões prendem-se com o facto de os alunos demonstrarem pouca iniciativa, bem como a falta de um cenário (0,7%), respectivamente..

Tabela 3
“De que forma achas que esta apresentação pode ajudar-te no teu dia-a-dia?”
 (%)

Em que é que a peça me pode ajudar...	%
De forma nenhuma	3,4
Ajudar muito se me deparar com uma situação de violência	17,9
Pode ajudar a melhorar a minha atitude	4,8
Ajudar a optar pelo diálogo em detrimento da violência	4,1
Pode ajudar em tudo na vida	3,4
Pode ajudar a enfrentar este problema	1,4
A respeitar mais as raparigas	2,1
A ajudar quem vive este problema	9,7
A não bater em ninguém	2,1
Na prevenção da violência doméstica no meu futuro	2,1
A denunciar algum caso de que venha a ter conhecimento	6,9
A não agir como a Sofia, deixando ir-se abaixo	1,4
Conduz a uma reflexão sobre a situação abordada	13,1
A tratar melhor os outros	1,4
A ter uma melhor relação com a minha namorada	0,7
Não sabe/ Não responde	25,5
Total	100

Relativamente à mais valia no dia a dia, a maioria referiu que não sabe (25,5%), de seguida referiram que ajuda muito se se depararem com uma cena de violência (17,9%), o que reforça o trabalho de consciencialização social e cidadã, bem como, o desenvolvimento das competências pessoais dos alunos. Incorporamos neste domínio um dos objectivos principais desta acção de prevenção em contexto escolar, dotar os alunos de ferramentas de participação cidadã concretamente na cooperação com outros cidadãos em caso de necessidade é para nós de extrema importância. Á semelhança do referido nos grupos de discussão onde a maioria refere que a participação no Teatro-Fórum foi importante na detecção e informação de situações de violência doméstica, cooperamos assim na criação de um grupo de cidadãos mais informados sobre as questões da violência doméstica.

¹⁰ Simulação de uma bofetada

No que concerne a algumas das estratégias comunicacionais desenvolvidas no Teatro-Fórum, tal como optar pelo diálogo em detrimento da violência (4,1%) os resultados obtidos nos grupos de discussão são semelhantes quando referiam que o Jorge e a Sofia poderiam ter resolvido os seus conflitos através do diálogo. Mais uma vez avaliamos que o Teatro-Fórum cria pela sua espontaneidade um sentimento de necessidade de resolução do problema colocado, permitindo aos alunos o desenvolvimento de alternativas, neste caso a mais referida foi o diálogo. Por fim, mencionaram que pode ajudar a ter uma relação melhor com a minha namorada (0,7%), ou seja, dado que num preciso momento puderam (re) criar alternativas, entendem que na sua vida também podem fazê-lo, utilizam deste modo, o que vivenciaram para o seu dia-a-dia.

Tabela 4
“Sugestões para melhorar esta peça...”
 %

Sugestões	%
Nenhumas	69,7
A peça devia ser mais longa	11,0
Que se realizem mais peças acerca destes temas	9,7
Devia haver tempo para uma reflexão final conjunta	0,7
Da peça lembrar que infelizmente existem muitos casos de violência	0,7
A peça devia ser menos violenta	0,7
Deviam dar mais informações sobre a violência doméstica	0,7
Podiam haver mais actores	0,7
A Sofia devia reagir de uma outra forma	1,4
Sugestão para título da peça: “Realidade dos adolescentes”	0,7
Sugestão para título da peça: “A Sofia e a sua vida”	0,7
Sugestão para título da peça: “Ceder não é a solução”	0,7
Sugestão para título da peça: “Problemas do quotidiano”	0,7
O Jorge devia mudar	1,4
A peça devia ser mais realista	0,7
Total	100

Quanto às sugestões pensadas pelos alunos, estas prenderam-se com não terem nenhuma sugestão para fazer (69,7%), o que nos transmite uma avaliação positiva face ao trabalho desempenhado por todos. A sugestão seguinte prendeu-se com o facto de pretenderem que a sessão fosse mais longa (11,0%), o aumento dos tempos permitiria possivelmente a alguns dos alunos conseguirem exprimir-se, e por outro lado, desenvolver mais alternativas na peça.

Tendo como base os resultados anteriormente apresentados, é possível destacar que se assiste a uma alteração gradual da percepção sobre violência doméstica antes e depois da intervenção. Assim, continuaremos a implementação da técnica do Teatro-Fórum, tendo em vista, o desenvolvimento do processo de autonomia de cada aluno/cidadão, tendo por base um processo de desconstrução e (re) construção das suas percepções face a processos de violência entre sexos. Além disso, e tendo em conta algumas das afirmações do relatório de avaliação do ano transacto, as acções de prevenção de violência doméstica

jovens afiguram-se como extremamente pertinentes, dado que actos de efectiva violência doméstica (como, por exemplo, abusos sexuais ou outros), não são, muitas vezes, encarados enquanto tal, sendo normalizados e trivializados como conflitos comuns.

As experiências têm mostrado que as acções de prevenção são tanto mais eficazes quanto são incorporadas em acções educativas mais vastas; quanto mais conjugarem acções de prevenção primária com acções de prevenção secundária e terciária; quanto mais envolverem os pais e os ascendentes; e quanto mais são capazes de ser asseguradas com uma certa regularidade. Neste sentido, e tendo em vista a concordância com o Plano Nacional Contra a Violência Doméstica 2007/2010 quando propõe o envolvimento com os “ (...) concelhos executivos das escolas no sentido da integração de algumas actividades no projecto educativo escolar”, a intervenção definida para este ano lectivo, propõe às escolas (Arrifana, Canedo e Paços Brandão) a integração destas actividades no seu projecto educativo, acreditando que estes contextos, a par da família, se constituem como um dos palcos mais importantes e significativos de prevenção da violência, dado o importante papel que desempenham na socialização e no desenvolvimento ético dos jovens e adolescentes.

Será proposto o envolvimento dos professores nesta acção de prevenção no sentido de poder com maior eficácia gerar o efeito positivo da introdução do tema da violência doméstica nos planos curriculares e nas dinâmicas de aprendizagem. Neste sentido, e conjuntamente com os professores, das escolas do concelho propomo-nos desenvolver uma formação. Para tal, o projecto dispõe de um DVD do Teatro – Fórum para a prevenção da Violência Doméstica em contexto escolar, criado pela equipa do mesmo, intitulado de “O que é que se passa”? Para a melhor utilização e exploração do mesmo, propusemos a todos os professores uma formação no âmbito da prevenção da Violência Doméstica em contexto escolar, a qual, permitirá aos participantes a utilização deste instrumento nas suas aulas, como forma de dinamizar e aprofundar o fenómeno da Violência Doméstica. Corroboramos assim com o Plano Nacional contra a Violência Doméstica quando propõe a “elaboração de guiões e produtos educativos para acções de sensibilização e informação nas escolas, que incluam, educação para a igualdade de género, educação para a não violência e para a paz, educação para os afectos, relação entre género e multiculturalismo e resolução de conflitos através da comunicação (...)” Numa sequência das actividades propostas no final do ano poderíamos propor “concursos para seleccionar os melhores materiais pedagógicos elaborados pelos alunos, a fim de integrarem exposições temporárias” (PNCVD 2007-2010)¹¹

¹¹ Ver Plano de Actividades 2007/2008 em anexo

Objectivos Gerais para 2007/2008:

- I) Promover a inclusão de espaços específicos na agenda cultural do concelho, com o objectivo de sensibilizar a população para a temática da Violência Doméstica
- II) Difundir conhecimentos sobre a questão da violência doméstica
- III) Sensibilizar para a igualdade de oportunidades entre as pessoas
- IV) Cooperar com os professores na inserção da temática da Violência Doméstica no projecto educativo da escola
- V) Explorar com os professores as diferentes formas de manuseamento do DVD de Teatro-Fórum para a prevenção da violência doméstica “O que é que se passa?”
- VI) Construção de um manual de procedimentos de prevenção da violência doméstica em contexto escolar
- VII) Disseminação do manual de procedimentos e formação a técnicos que desenvolvam intervenção neste âmbito

Os objectivos específicos são:

- I) Desenvolver competências pessoais e sociais nos alunos abrangidos
- II) Consciencializar os alunos participantes para a temática da violência doméstica
- III) Agir como um mecanismo de prevenção e educação informal da população escolar
- IV) Promover comportamentos adaptativos perante situações de violência doméstica
- V) Estimular competências no domínio da comunicação assertiva e da resolução de problemas ou conflitos
- VI) Desmistificar as percepções dos professores face à problemática
- VII) Promover competências de identificação e encaminhamento de situações de violência doméstica
- VIII) Disseminar valores através da reflexão crítica grupal

Actividades previstas para

Medidas do Plano 2007/2010	Actividades 2006	Actividades 2007 (realizadas e previstas)	Actividades 2008 (dependentes de financiamento)
1.2 – Agenda Cultural contra a Violência Doméstica	4 Apresentações da performance teatral “Casa me queres, Casa me feres” no âmbito do Festival Internacional de Teatro de Rua de Santa Maria da Feira (Imaginarium) e em seminário temático	1 Apresentação do Teatro-Fórum “O que é que se passa?” no âmbito do Festival Internacional de Teatro de Rua de Santa Maria da Feira (Imaginarium) (Maio 2007) 1 Encontro de Teatro – Fórum com os grupos de Teatro – Fórum do Bairro do Zambujal e do Alto da Cova da Moura (Outubro 2007)	Ciclo de cinema itinerante e debates coincidentes com a Intervenção nas escolas de Canedo, Arrifana e Paços de Brandão
1.4 – Dia Nacional do Laço Branco destinado a envolver os homens nas comemorações do dia 25 de Novembro		Distribuição de 5.000 Laços Brancos na comunidade em articulação com as instituições sociais e escolas concelhias 1 Seminário sobre Violência Doméstica (Novembro 2007)	Distribuição de 5.000 Laços Brancos na comunidade em articulação com as instituições sociais e escolas concelhias
1.5 – Folheto Plano de Segurança destinado a identificar passos simples que promovam a segurança das vítimas		Distribuição de 150 folhetos Plano de Segurança no âmbito do acompanhamento do gabinete de apoio à vítima	Distribuição de 150 folhetos Plano de Segurança no âmbito do acompanhamento do gabinete de apoio à vítima
2. Implementar campanhas e acções de sensibilização às comunidades locais.	2 Acções de sensibilização no CENATEX (educação de adultos) e seminário temático MDM	4 Acções de sensibilização: Fórum Saúde Mental, Associação Alcoólicos Recuperados, Centro Social e Associação Recreativa concelhia	4 Acções de sensibilização
		Intercâmbio com Instituições nacionais e internacionais no mesmo âmbito de intervenção: APAV, CIG e Instituto de Reinserção de Barcelona	Intercâmbio com Instituições nacionais e internacionais no mesmo âmbito de intervenção: APAV, CIG e Instituto de Reinserção de Barcelona
2.1 – Realização, em articulação com as autarquias de fóruns municipais contra a violência doméstica	4 Reuniões de Conselho de Parceiros do Projecto (GNR, PSP, Centro de Saúde, Segurança Social, Associação de Alcoólicos Recuperados, CIG, CPCJ, IRS)	4 Reuniões de Conselho de Parceiros do Projecto (GNR, PSP, Centro de Saúde, Segurança Social, Associação de Alcoólicos Recuperados, CIG, CPCJ, IRS)	4 Reuniões de Conselho de Parceiros do Projecto (GNR, PSP, Centro de Saúde, Segurança Social, Associação de Alcoólicos Recuperados, CIG, CPCJ, IRS)
2.3 – Promoção de campanhas de sensibilização nas principais rádios locais		Programa mensal em rádio local de acordo com os temas propostos no III Plano Nacional (a partir de Novembro 2007)	Programa mensal em rádio local de acordo com os temas propostos no III Plano Nacional
3 – Elaborar e divulgar materiais informativos, recorrendo às novas tecnologias de informação e comunicação	Produção do DVD do Teatro-Fórum – “O que é que se passa?” Fórum de discussão	Distribuição de 25 DVD's do Teatro-Fórum (Novembro 2007) Site do Projecto com área exclusiva para o Espaço Trevo (Outubro 2007) Fórum de discussão	Distribuição de 25 DVD's do Teatro-Fórum (Fevereiro 2007) Site do Projecto com área exclusiva para o Espaço Trevo (Outubro 2007) Fórum de discussão

Medidas do Plano 2007/2010	Actividades 2006	Actividades 2007 (realizadas e previstas)	Actividades 2008 (dependentes de financiamento)
4 – Elaborar e divulgar materiais informativos e pedagógicos para integrar no Projecto Educativo do Agrupamento	Distribuição de 2500 Postais informativos na performance Casa me Queres Casa me Feres, Serviços de Educação e Sociais Locais, no final das sessões do Teatro-Fórum e no Dia Internacional da Mulher 50 Cartazes de divulgação do projecto	Fórum de discussão Distribuição de 2000 Postais informativos no final das sessões do Teatro-Fórum e serviços de educação e sociais locais. 50 Cartazes de divulgação do projecto	1 Exposição Itinerante de trabalhos no âmbito da Violência Doméstica realizados pelos alunos resultante na intervenção em contexto escolar com a colaboração dos professores em formação Distribuição de 2000 Postais informativos no final das sessões do Teatro-Fórum e serviços de educação e sociais locais.
5 – Dinamizar acções de sensibilização junto das escolas, em parceria com os restantes actores da comunidade educativa 5.1 – Dinamizar acções de sensibilização junto das escolas, em parceria com os restantes actores da comunidade educativa	Prevenção da violência doméstica em contexto escolar abrangendo 2 escolas (225 alunos)	- Formação 15 Docentes no âmbito da prevenção da Violência Doméstica - Prevenção em contexto escolar com 6 escolas concelhias, abrangendo 658 alunos	. Formação de 15 Docentes no âmbito da prevenção da Violência Doméstica . Prevenção em contexto escolar com 3 escolas concelhias, abrangendo aproximadamente 300 alunos Construção de um manual de procedimentos no âmbito da prevenção da violência doméstica em contexto escolar e sua disseminação contemplando formação a técnicos nesta área

Considerações Finais

Perante o exposto consideramos estar justificado, o lugar privilegiado que a prevenção primária da violência doméstica em contexto escolar desempenha, e a adequação do Teatro-Fórum, enquanto metodologia na criação e (re)criação de comportamentos alternativos em situações de violência doméstica. É função deste projecto enquanto actor social, contribuir para o desenvolvimento de estratégias que permitam a todos os envolvidos a criação de uma cidadania emergente (Stoer, 2005), que englobe o crescimento físico e social numa sociedade mais justa e igualitária. Complementamos assim o prisma de atendimento imediato com o prisma de prevenção de comportamentos violentos, só possível através de uma educação para a cidadania.

Sabemos que estas acções poderiam (e poderão) ter outro aprofundamento, para tal, necessitaríamos de técnicos destacados só para o efeito, o que neste momento não sucede. Tendo em conta a abrangência deste projecto, resultado da sua evolução ao longo destes dois anos, a intervenção foi naturalmente sendo alargada tentando responder às novas necessidades com as quais nos fomos deparando no sentido de uma maior eficácia da nossa intervenção. Deste modo, e tendo em conta a equipa reduzida do projecto, face à intensidade e amplitude das suas acções, foi necessário o acumular de funções aos vários técnicos. Assim, nenhum dos técnicos a seguir designados esteve exclusivamente a desenvolver o seu trabalho na área da prevenção da violência doméstica.

- . Psicólogo (coordenador do projecto, atendimento a agressores, facilitador nas sessões de Teatro-Fórum)
- . Psicóloga (atendimento e acompanhamento psicológico a mulheres e crianças vítimas de violência doméstica, a agressores, bem como, acções de sensibilização)
- . Assistente Social (atendimento e acompanhamento social a vítimas de violência doméstica; articulação e mobilização das escolas no sentido da participação nas actividades de prevenção da violência doméstica)
- . Socióloga (avaliação interna do projecto)
- . Avaliador externo do projecto (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra)
- . 2 Actores (sessões de Teatro-fórum);

Tendo por base o exposto, é fulcral referir que apesar de as necessidades serem reais e estarem identificadas, a motivação dos técnicos para criar e executar diferentes actividades, (ex.: o alargamento da intervenção aos pais entre outras actividades planeadas para 2008) tal estará dependente da aprovação do respectivo financiamento, essencial a prossecução destes novos objectivos do projecto.

Anexo 1**Entidades Parceiras do Projecto**

Associação de Alcoólicos Recuperados do Concelho de Santa Maria da Feira – AAR

Associação Nacional de Oficinas de Projecto – ANOP

Associação das Obras Sociais de São Vicente de Paulo – Casa Ozanam

Associação pelo Prazer de Viver, Saúde, Cultura e Vida – APPV

Câmara Municipal de Santa Maria da Feira

Centro de Formação Profissional de Rio Meão

Centro de Saúde de Santa Maria da Feira

Cruz Vermelha Portuguesa – Núcleo de Sanguedo/Feira

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

Guarda Nacional Republicana – GNR São João da Madeira

Instituto de Reinserção Social – IRS

Instituto de Solidariedade e Segurança Social – Centro Distrital de Aveiro

Instituto Português da Juventude – IPJ

Delegação Regional de Aveiro

Polícia de Segurança Pública – PSP Feira

CPCJ – Comissão de Protecção de Crianças e Jovens

Anexo 2**Bibliografia**

- Boal, Augusto (2004). *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Boal, Augusto (2002). *O arco-íris do desejo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bezerra, Antónia Pereira (s/d). *O Teatro do Oprimido e a noção de espectador-actor: pessoa e personagem*
- Figueiredo I. (2001). *Educar para a Cidadania*. Porto: Edições Asa
- Giddens Anthony. (2000). *O mundo na era da globalização*. Editorial Presença, Lisboa.
- LaFerrère, Georges (1999). “La pedagogia teatral, una herramienta para educar”, Revista Educación Social, 13, Barcelona
- Lopes et all. (2006). *Competências Sociais: aspectos comportamentais, emocionais e de aprendizagem*. Braga: Psiquillibrios
- Menezes, Isabel (1999). *Desenvolvimento Psicológico na formação pessoal e social*. Porto: Asa Editores.
- Matos, M. et all. (2006). *Prevenção da Violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar*. In Psicologia: Teoria e Prática, pp.55-75
- Moreira, Paulo (2002). *Para uma prevenção que previna*. Coimbra: Quarteto
- Peixoto, Paulo (2007). Relatório de Avaliação Externa do Projecto Direitos & Desafios. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.
- Plano Nacional Contra a Violência Doméstica (2007-2010)